

ENVOLVIMENTO PATERNO EM FAMÍLIAS COM CRIANÇAS PEQUENAS NO ISOLAMENTO SOCIAL

Paternal involvement in families with young children in social isolation

Compromiso paterno en familias con niños pequeños en el aislamiento social

Implication paternelle dans les familles avec de jeunes enfants en isolement social

 10.5020/23590777.rs.v23i3.e13440

Alessandra Furtado Teixeira Halkjaer-Lassen  

Mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e especialista em psicoterapia de família e casal pela mesma instituição.

Terezinha Féres-Carneiro  

Professora Emérita do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e coordenadora do Curso de Especialização em Psicoterapia de Família e Casal da mesma instituição. É doutora em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), com pós-doutorado em psicoterapia de casal e família pela Universidade Paris-Descartes/Sorbonne. É membro do Conselho da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família.

Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre as experiências paternas na transição para a paternidade na pandemia da COVID-19. Foram entrevistados 10 pais primíparos, das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, brancos, heterossexuais, pertencentes às camadas médias da população. O objetivo deste trabalho foi investigar o envolvimento paterno de pais de crianças pequenas na pandemia da COVID-19. As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas ao método de análise de conteúdo, na modalidade categorial temática. As análises foram realizadas sob a perspectiva sistêmica de família e casal articulada a conceitos psicanalíticos. Os resultados mostraram que o isolamento social decorrente da pandemia foi percebido como positivo para o exercício da paternidade de pais de crianças pequenas, uma vez que aumentou o tempo de disponibilidade de interação pai-filho. Este estudo sugere que o favorecimento da presença paterna no seio familiar é elemento fundamental para maior engajamento de pais nos cuidados diários com seus filhos.

Palavras-chave: paternidade; pai; envolvimento paterno; pandemia; COVID-19.

Abstract

This article is part of a broader research on paternal experiences in the transition to fatherhood during the COVID-19 pandemic. This work aimed to investigate the paternal involvement of fathers of young children in the COVID-19 pandemic. Ten first-time fathers from the cities of Rio de Janeiro and São Paulo, white, heterosexual, belonging to the population middle-classes were interviewed. The interviews were recorded, transcribed, and submitted to the content analysis method in thematic categorial modality. The analyses were carried out from the family and couple systemic perspective articulated with psychoanalytic concepts. The results showed that social isolation resulting from the pandemic was perceived as eminently positive for the exercise of fatherhood by parents of young children, as it increased the time available for father-child interaction. This study suggests that favouring paternal presence within the family is a fundamental element for higher engagement of fathers in the daily care of their children.

Keywords: *paternity; father; paternal involvement; pandemic; COVID-19.*

Resumén

El presente artículo es parte de una investigación más amplia sobre las experiencias paternas en la transición para la paternidad en la pandemia de COVID-19. El objetivo de este trabajo fue investigar el compromiso paterno de padres de niños pequeños en la pandemia citada. Fueron entrevistados diez padres primerizos, de las ciudades de Rio de Janeiro y São Paulo, blancos, heterosexuales, pertenecientes a las capas medias de la población. Las entrevistas fueron grabadas, transcritas y sometidas al método de análisis de contenido, en la modalidad categorial temática. Los análisis fueron realizados bajo la perspectiva sistémica de familia y pareja articulada a conceptos psicoanalíticos. Los resultados demostraron que el aislamiento social decurrente de la pandemia fue percibido como eminentemente positivo para el ejercicio de la paternidad de padres de niños pequeños, una vez que aumentó el tiempo de disponibilidad de interacción padre-hijo. Este estudio sugiere que el favorecimiento de la presencia paterna en el seno familiar es elemento fundamental para mayor participación de padres en los cuidados diarios con sus hijos.

Palabras clave: paternidad; padre; compromiso paterno; pandemia; COVID-19.

Resumé

Cet article fait partie d'une recherche plus large sur les expériences paternelles dans la transition vers la paternité pendant la pandémie de COVID-19. Le but de cette étude était d'enquêter sur l'implication paternelle des pères de jeunes enfants dans la pandémie de COVID-19. Nous avons interrogé dix pères primipares, originaires des villes de Rio de Janeiro et de São Paulo, blancs, hétérosexuels, appartenant aux couches moyennes de la population. Les entretiens ont été enregistrés, transcrits et soumis à la méthode d'analyse de contenu, dans la modalité thématique catégorielle. Les analyses ont été réalisées sous la perspective systémique de la famille et du couple articulée aux concepts psychanalytiques. Les résultats ont montré que l'isolement social résultant de la pandémie était perçu comme éminemment positif pour l'exercice de la paternité des pères de jeunes enfants, car il augmentait le temps de disponibilité de l'interaction père-enfant. Cette étude suggère que la faveur de la présence paternelle au sein de la famille est un élément fondamental pour un plus grand engagement des pères dans la prise en charge quotidienne de leurs enfants.

Mots-clés : paternité; père; implication paternelle; pandémie; COVID-19.

A partir do século XVIII, a concepção de família nuclear moderna, constituída por um casal heterossexual, monogâmico e seus filhos surgiu. Apesar de o amor romântico conceber o casamento baseado em consentimento mútuo entre os cônjuges e igualdade entre os gêneros, a verdade é que os papeis designados a homens e mulheres eram bem demarcados. Aos homens ficaram destinados os lugares simbólicos de chefe de família e mantenedor da moral, da proteção e da provisão financeira. Às mulheres, ficaram destinadas as responsabilidades sobre a gestão do lar e da educação dos filhos (Ariès, 1981; Roudinesco, 2003). Assim, delimitou-se que a vida pública seria para os homens e a vida privada para as mulheres (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004). Staudt e Wagner (2008) ressaltam que essa dicotomia dos papeis materno e paterno se estendia à expressão do afeto no ambiente familiar, de forma que o gerenciamento das emoções dos membros familiares era uma atribuição feminina, deixando os pais afetivamente distantes.

Na família ocidental contemporânea a percepção do ideal de igualdade de gênero muitas vezes não ecoa na realidade, que é composta tanto de referenciais familiares tradicionais quanto de concepções contemporâneas. Discute-se o redimensionamento dos papeis materno e paterno em decorrência de importantes mudanças sociais nas últimas décadas, tais como a promulgação da Lei do Divórcio (*Lei n. 6.515, 1977*), a descoberta da pílula anticoncepcional e, em especial, devido à ampla inserção da mulher no mercado de trabalho (Gomes & Resende, 2004; Rocha-Coutinho, 2003). Tais eventos são marcos do pensamento contemporâneo de busca de maior igualdade de gênero nos espaços públicos e privados.

Foi a partir de 1960 que a denominada família contemporânea surgiu, trazendo a afetividade como um referencial essencial à sua constituição (Roudinesco, 2003). O movimento feminista, com a forte entrada das mulheres no mercado de trabalho, trouxe transformações importantes para o mundo. A partir do momento em que elas ganhavam espaço no mundo corporativo, aos homens foi permitida a entrada no espaço de cuidado, expressão de afeto e educação dos filhos, o que viria a impactar a reestruturação dos papeis parentais (Bossardi et al., 2013; Gomes & Resende, 2004; Oliveira & Silva, 2011; Rocha-Coutinho, 2003). Na mesma época em que o conceito de maternidade instintiva e inata era contestado, começaram a surgir discussões em torno do conceito de parentalidade. Zornig (2010) esclarece que a parentalidade se refere ao processo de

construção do que vem a ser mãe e ser pai a partir de sua inter-relação com a filiação. Assim, a relação pai-mãe-bebê ganha destaque nas configurações familiares.

A transição para a parentalidade envolve inúmeros processos na vida dos novos pais. Nas famílias contemporâneas, essas mudanças individuais se dão em um cenário de convívio de valores tradicionais com novos referenciais. Para os homens, as mudanças sociais já mencionadas possibilitaram um caminho aberto para a vivência de uma nova paternidade, ancorada em trocas afetivas e de cuidado. Com a chegada do primeiro filho, é possível que os homens percebam mais claramente mudanças individuais e nas relações com a família nuclear e ampliada (Gonçalves et al, 2013; Krob et al., 2009), sendo um momento de reorganização pessoal no âmbito prático e sentimental.

O nascimento de uma criança instaura o início do subsistema parental (Minuchin, 1982). O casal passa, então, a ter que acomodar um novo membro. Deixando de ser apenas marido e mulher, passando a acumular papéis, funções e responsabilidades parentais. Até mesmo a família extensa sofre modificações, uma vez que todos os familiares avançam um grau na escala geracional.

Em estudo sobre a família de classe média norte-americana, Carter e McGoldrick (1995) propuseram algumas etapas para o ciclo de vida familiar. São elas: a) saindo de casa: jovens solteiros; b) o novo casal; c) família com filhos pequenos; d) família com adolescentes; e) lançando os filhos e seguindo em frente; e f) família no estágio tardio da vida. Cada uma dessas fases possui um desafio a ser cumprido. As autoras consideram a família como um sistema emocional que se move através do tempo e que abrange três ou mais gerações. Justamente por isso, as gerações anteriores impactam sobremaneira as gerações subsequentes. A família, então, apresenta-se como um corpo emocional próprio, que exige constante adaptação de todos os membros dos desafios que surgem por incorporação ou perda de algum membro, ou mesmo por estressores externos pelos quais tenham que passar. Os desafios do ciclo familiar podem ser pensados em termos de seu eixo horizontal, que é aquele que diz respeito ao desenvolvimento da família no tempo, e inclui eventos como nascimento e morte de algum membro, por exemplo; e em seu eixo vertical, que trata da transmissão de padrões, valores, mitos e tabus transmitidos intergeracionalmente.

As primeiras semanas após o nascimento do primeiro filho são particularmente desafiadoras, por ser o momento de maior mudança no psiquismo paterno, com a incorporação de responsabilidades e desafios maiores do que muitas vezes imaginavam (Jager & Botolli, 2011; Matos et al., 2017b). Ainda que seja notória a peculiaridade desse momento de transição do ciclo vital familiar também no âmbito paterno, poucos são os estudos que buscam entender os impactos dessa mudança para os pais. Mesmo que as famílias contemporâneas convivam com as mais diversas configurações, os estereótipos de gênero ainda são prevalentes na literatura sobre parentalidade. É possível que a grandiosidade do momento, sem o devido reconhecimento social da importância do papel paterno, impacte a dificuldade de pais em expressar em palavras o momento vivenciado por sentimentos ambíguos (Matos & Magalhães, 2019; Oliveira & Silva, 2011).

Com o questionamento do lugar destinado às mulheres na sociedade e sua consequente íntima relação com a maternidade (Staudt & Wagner, 2008), estariam formadas as bases para o delineamento de uma nova concepção de paternidade, mais envolvida emocionalmente com o cuidado dos filhos e mais participante. Assim, o papel único de provedor não seria mais suficiente (Gomes & Resende, 2004; Silva & Piccinini, 2007). Parke (1996) aponta, no entanto, que o otimismo quanto às mudanças nos papéis parentais é uma ideia que vem se implantando de forma gradual, ao contrário da revolução que se esperava quando o estudo da relação pais-filhos e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil começaram a receber a devida atenção.

A sociedade ocidental contemporânea passa a valorizar o envolvimento emocional paterno e sua participação na rotina e educação dos filhos desde seus primeiros meses de vida (Gonçalves et al., 2013; Silva & Piccinini, 2007). Passa-se, então, a perceber o convívio de discursos sobre um novo pai, mais envolvido afetivamente com os filhos, concomitantemente aos referenciais tradicionais vivenciados por esses homens e mulheres com seus próprios pais.

Assim, as relações entre pais e filhos deixam os restritos referenciais de pais autoritários e emocionalmente distantes para considerar, também, relações pais-filhos baseadas no respeito, afetividade e diálogo (Petrini, 2016; Silva & Piccinini, 2007). Ao longo dos anos, os aspectos atribuídos ao exercício da paternidade vêm sendo ampliados, e podemos observar a paternidade contemporânea flexibilizando referenciais tradicionais de apoio financeiro e instrumental, através de uma contribuição emocional mais participativa (Gomes & Resende, 2004; Matos et al., 2017a; Negreiros & Féres-Carneiro, 2004; Silva & Piccinini, 2007; Soares & Colossi, 2016).

Em um estudo que se propôs fazer uma revisão da literatura brasileira sobre paternidade entre 1998 e 2008, Oliveira e Silva (2011) reforçam essa ideia, afirmando que as pesquisas sobre as especificidades do papel paterno surgem no meio científico a partir de 2004. Até então, o pai aparecia como coadjuvante da díade mãe-bebê. De fato, os estudos sobre a paternidade foram ignorados por décadas na psicologia moderna, ganhando atenção a partir de 1980 em estudos que buscavam avaliar a ausência ou presença de pais nas vidas de seus filhos, e seus impactos sobre o desenvolvimento infantil (Pleck, 1997).

Assim, é possível pensar a contribuição da teoria psicanalítica, tendo o foco na díade mãe-bebê, como preditor do desenvolvimento saudável da criança (Borsa & Nunes, 2017; Parke, 1996). Um clássico exemplo seria o trabalho de Winnicott (2001), que formulou os conceitos de preocupação materna primária e de mãe suficientemente boa para discutir acerca da importância da relação com a mãe para o desenvolvimento psíquico infantil. Na teoria winnicottiana, para o pai restou o papel

de ambiente ou de apoio e substituição à mãe (Belo et al., 2015). Outro exemplo pode ser encontrado na teoria de Bowlby (1969), também fundamentada nos padrões de apego infantil, a partir de observações de bebês e suas mães (Ainsworth, 1989).

Historicamente, os papéis femininos e masculinos, inclusive no seio familiar, são diretamente influenciados pelo contexto cultural. Rocha-Coutinho (2003) aponta para o fato de que, apesar de muitas vezes, as funções materna e paterna serem vistas como naturais e biológicas, é inegável o impacto dos discursos sociais sobre o ideal de parentalidade. A família contemporânea vem continuamente flexibilizando os papéis materno e paterno, permitindo cada vez mais às mulheres o espaço público do mercado de trabalho, e aos homens, o cuidado da casa e dos filhos (Roudinesco, 2003; Soares & Colossi, 2016).

O pai contemporâneo, muito mais do que abrir mão do velho e único papel de provedor, tem sido acompanhado pela participação feminina em relação às despesas domésticas e se permitido o benefício de um envolvimento paterno que englobe aspectos emocionais (Matos & Magalhães, 2019; Silva & Piccinini, 2007). Algumas vezes, precisa lutar contra o imaginário social de que há uma aptidão natural feminina para a maternidade (Badinter, 1985; Staudt & Wagner, 2008). O que se pretende é reforçar a ideia abarcada pelo conceito de coparentalidade, em que mães e pais dividem responsabilidades e cuidado pelos filhos, tudo em benefício da própria família e do saudável desenvolvimento dos novos membros.

As transformações sociais se inter-relacionam e incorporam novos valores e padrões comportamentais, possibilitando que o exercício da paternidade seja uma escolha ativa dos novos pais, ainda que permaneça revestida de compromisso e responsabilidades (Silva-Gonçalves & Bottoli, 2016). Matos e Magalhães (2019) adicionam importante reflexão sobre a paternidade contemporânea, para que não haja imposição de um novo padrão, aprisionando experiências e desconsiderando as especificidades de cada família.

Ainda que não sejam tão expressivos quanto os estudos sobre a díade mãe-bebê, algumas pesquisas informam um impacto positivo sobre o desenvolvimento infantil, melhor desempenho escolar e melhores habilidades sociais em crianças com experiências positivas com seus pais (Silva & Piccinini, 2007). Isso reforça a ideia de que as vivências da paternidade contemporânea merecem um papel de maior destaque nos estudos de família e casal. Além disso, como salientam Trage e Donelli (2020), é preciso que o papel de pai mais participativo na vida dos filhos ganhe amparo social, seja dando maior destaque à paternidade, seja com a promoção de uma educação menos sexista às futuras gerações, seja promovendo debates sociais que influenciem mudanças estruturais, permitindo-se, por exemplo, um aumento da licença paternidade, de forma a possibilitar que o desejo de envolvimento paterno nos estágios iniciais de vida de seus filhos efetivamente seja possível.

O papel paterno pode ser entendido através de múltiplos aspectos, preferencialmente em consonância com a cultura familiar. Lamb et al. (1985) já ressaltavam a importância desse aspecto em artigo que discutiam os efeitos do aumento do envolvimento paterno no desenvolvimento infantil. Os autores consideram ser questionável afirmar categoricamente que o aumento do envolvimento paterno seja algo desejado unanimemente em todas as culturas e famílias, devendo ser considerado benéfico quando o contexto cultural e familiar justificarem seu aumento.

O conceito de envolvimento paterno tem sido amplamente usado nos estudos sobre paternidade sem que, no entanto, haja consenso sobre todos os aspectos a serem analisados para avaliar o construto. Santis e Barham (2017), em artigo em que propõem um modelo teórico baseado em revisão de literatura, explicitam o caráter multidimensional do envolvimento paterno e o quanto ainda carecemos de um delineamento comum para estudos sobre o tema. Ainda assim, é possível tomarmos como referencial a definição cunhada por Lamb (1997), que engloba as dimensões da interação, que diz respeito a aspectos comportamentais de contato direto e compartilhamento de atividades; da acessibilidade, que diz respeito ao quanto o pai se mostra disponível física e psicologicamente; e da responsabilidade, que se refere ao quanto o pai proporciona cuidados diretos ou por meio de terceirização (Gomes & Resende, 2004).

Parke (1996) apresenta uma visão sistêmica do construto, informando que o envolvimento paterno sofre influência das características individuais do pai e da criança; das relações internas dos subsistemas familiares e relações entre eles; da rede de apoio extrafamiliar; e da cultura. Além dos elementos apresentados, é importante ressaltar que o envolvimento paterno é fenômeno que deve ser analisado sob uma perspectiva etimológica, uma vez que possui estreita relação com o contexto social, histórico e cultural. Isso corrobora a importância de que novos estudos sobre diversos aspectos que impactem as relações entre pais e seus filhos sejam realizados, para que demonstre que as mais diferentes formas de envolvimento entre pais e filhos são, de fato, benéficas para o desenvolvimento infantil (Backes et al., 2018). Parke (1996) discorre sobre o caráter sistêmico e multifatorial do envolvimento paterno, afirmando que ele não simplesmente acontece, mas é o resultado das influências recíprocas das características individuais do pai e da criança; das relações familiares diádicas e triádicas; relações extrafamiliares; e influências culturais. Quando a mãe concede ao pai espaço para que ele exerça sua função de cuidador principal, os papéis se tornam equiparados, gerando maior satisfação conjugal pela redução de sobrecarga feminina (Dessen & Oliveira, 2013; Matos e Magalhães, 2019; Wagner et al., 2005).

No campo das influências familiares que impactam a paternidade, ressalta-se a relação conjugal. Parke (1996) pontua o impacto profundo da qualidade da relação conjugal no envolvimento paterno, de forma que é preciso avaliar se as mães encorajam a participação de seus companheiros nos cuidados com filhos ou se, na verdade, atuam como barreira que limita

o acesso dos pais às crianças. Além disso, é importante considerar que culturalmente o papel materno é mais bem delimitado do que o papel paterno (Matos et al., 2017a; McBride & Rane, 1997). Outro fator que se pretende destacar é a influência cultural sobre o construto do envolvimento paterno. Essa influência diz respeito tanto aos impactos das atitudes parentais em relação aos gêneros, quanto sobre o contexto histórico-temporal.

Paternidade e a pandemia de 2020

No início de 2020 o mundo se viu diante da disseminação do SARS-COV-2. No Brasil, o primeiro caso confirmado foi em 24 de fevereiro de 2020, no estado de São Paulo. A partir de março de 2020 o país se viu diante da necessidade de cumprimento de medidas de contenção do vírus (Navarro et al., 2021), que inicialmente se concentraram, especialmente, no fechamento das escolas e na implementação do trabalho remoto.

Sendo o Brasil um país com tamanha desigualdade, o impacto das medidas de restrição também foi percebido diferentemente de acordo com raça e condição social (Silva et al., 2020). De acordo com Batista et al. (2020), a discrepância do nível de mortalidade por COVID-19 em pessoas pretas ou pardas sem escolaridade ficou na ordem de quatro vezes maior quando comparada ao índice de mortalidade de pessoas brancas com nível superior.

A família é um todo composto de partes interdependentes, que se influenciam mutuamente (Minuchin, 1982). Assim, é de se esperar que um evento com a magnitude de uma pandemia tenha gerado impactos econômicos, sociais e, também, familiares. Ainda que no Brasil não tenha havido um imediato consenso entre as esferas federal e estaduais sobre a rigidez do isolamento social, fato é que as escolas foram fechadas, muitos estabelecimentos comerciais tiveram horário de funcionamento reduzido e diversas empresas implantaram o trabalho remoto. Trabalho e família passaram a dividir os espaços físicos, obrigando a rearranjos de responsabilidades e papéis no seio familiar, em especial naquelas compostas por filhos pequenos. Dessa forma, também o exercício da parentalidade foi diretamente impactado.

O momento do ciclo de vida das famílias que passam pelo nascimento de seu primeiro filho já é citado por Carter e McGoldrick (1995) como sendo especialmente carregado de tensão. O período inicial da pandemia da COVID-19, marcado socialmente pela necessidade de isolamento social, passa a ser um estressor sobreposto para essas famílias. Assim, seria impossível destacar os desafios próprios do ciclo de vida familiar de situações catastróficas de impacto mundial.

Conforme mencionado, historicamente uma divisão dos espaços público e privado direcionaram as mães para o trabalho não remunerado de cuidado do lar e dos filhos, e os homens para o trabalho externo, em corporações. Tais valores tradicionais se perpetuam em nossa sociedade, de forma que a maior carga de trabalho doméstico ainda recai sobre as mulheres, mesmo após sua entrada no mercado de trabalho. Considerando o aumento do desemprego e a presença forçada dos homens no seio familiar, o isolamento social imposto pela pandemia se mostra como uma crise sem precedentes, tornando imperativa a adaptação das famílias, e constituindo-se como um terreno fértil para a flexibilização de papéis de gênero (Silva et al., 2020; Vieira et al., 2020) e, conseqüentemente, para o exercício da paternidade.

Os primeiros meses da pandemia da COVID-19 no contexto brasileiro exigiram que as famílias reorganizassem seus espaços físicos e psíquicos. Em período de crise financeira, diante das expectativas sociais de gênero, há uma tendência de que o trabalho masculino seja valorizado e caiba às mulheres o papel de abrir mão do retorno laboral, por ser considerada biologicamente mais apta a realizar os cuidados maternos e os afazeres do lar (Badinter, 1985; Roudinesco, 2003). No entanto, estudo sobre o impacto da divisão do trabalho doméstico, antes e após a COVID-19, realizado com pais canadenses (Shafer et al., 2020) concluiu que a presença forçada dos pais dentro dos lares aumentou o tempo de exposição destes às demandas domésticas e parentais. Ainda que a discrepância na percepção da divisão de tarefas domésticas e cuidados com os filhos entre homens e mulheres tenha sido observada, com os homens geralmente superestimando seus esforços, ambos relataram aumento no investimento masculino, reduzindo a discrepância da contribuição feminina e masculina na divisão do trabalho doméstico. Estudo de Carlson et al. (2020) trouxe dados de que no Reino Unido, a presença de pais trabalhando em regime de *home office* mostrou maior probabilidade de partilhar mais igualmente o trabalho doméstico durante o *lockdown* vivenciado na Inglaterra. Achado similar ocorreu em pesquisa de Aguiar et al. (2021) sobre *burnout* em pais e mães portuguesas após o isolamento imposto pela COVID-19, que demonstrou que a presença forçada dos pais no cenário doméstico aumentou o cansaço desses em um primeiro momento, mas ao longo do tempo foi mitigado pelo prazer percebido pela majoração da interação com seus filhos.

Em que pese a importância dos panoramas apresentados de outras culturas, fato é que dados sobre a pandemia devem ser avaliados com cuidado, especialmente quando comparamos diferentes países. Tal parcimônia deve estar presente também na avaliação das experiências de gênero e parentais ao longo da crise mundial apresentada como pano de fundo, considerando-se a necessidade de avaliação contextual. Acredita-se que a investigação da experiência de pais brasileiros de crianças em idade pré-escolar possa contribuir para a compreensão do envolvimento paterno, considerado em sua multidimensionalidade. Assim,

o objetivo deste trabalho foi investigar o envolvimento paterno de pais de crianças pequenas na pandemia da COVID-19.

Método

A fim de atingir os objetivos desta investigação, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa descritiva. As entrevistas foram integralmente transcritas e os dados obtidos submetidos ao método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2016), em sua vertente categorial. Este artigo é o recorte de uma pesquisa mais ampla, de forma que os demais resultados foram apresentados em outros trabalhos.

Participantes

Participaram do estudos 10 pais primíparos das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, brancos, heterossexuais, pertencentes às camadas médias da população (Velho, 1987), com idades entre 24 e 43 anos, com filhos com idades entre 7 meses e 1 ano e 7 meses, que coabitam com a mãe da criança há pelo menos 2 anos.

A escolha por estudar pais primíparos, com filhos de idades entre seis meses e dois anos, baseia-se na literatura que entende que a chegada do primeiro filho é uma das maiores crises vividas pelo casal, sendo também a fase em que acontece um grande número de divórcios (Carter & McGoldrick, 1995). A escolha por pais acima de 24 anos de idade pretende homogeneizar a amostra, excluindo-se, assim, pais adolescentes, uma vez que a paternidade na adolescência possui questões próprias dessa fase do ciclo de vida. Todos os pais do estudo se autodeclararam como pertencentes às camadas socioeconômicas médias da população. A Tabela 1 apresenta o perfil dos participantes. Para apresentação dos resultados, os pais foram nomeados de P1 a P10.

Tabela 1

Perfil sociodemográfico dos participantes do estudo

Sujeitos	Idade	Escolaridade	Tempo de casamento	Idade do(a) filho (a)	Nível socioeconômico
P1	36	Mestrado	4 anos	1a 1m	Médio
P2	35	Sup. completo	5 anos	1a 7m	Médio-alto
P3	24	Mestrado	3 anos	1a 5m	Médio-alto
P4	32	Especialização	6 anos	1a 7m	Alto
P5	34	Especialização	4 anos	8m	Médio-alto
P6	35	Mestrado	3 anos	1a 6m	Médio
P7	30	Sup. completo	9 anos	1a 1m	Médio-baixo
P8	43	Sup. completo	4 anos	8m	Médio-baixo
P9	27	Sup. completo	3 anos	1a 6m	Médio
P10	38	Mestrado	3 anos	7m	Médio-alto

Instrumentos

Os participantes preencheram uma Ficha de Avaliação Biográfica, contendo informações como: idade; tempo de casamento; profissão; escolaridade; idade, profissão e escolaridade de seu cônjuge; idade do(a) filho(a); nível socioeconômico da família; e configuração da família de origem. Como instrumento de investigação, realizaram-se entrevistas com roteiro semiestruturado, construído a partir de revisão da literatura, contemplando os seguintes eixos temáticos: exercício do papel parental; transmissão geracional da paternidade; e impactos do nascimento do primeiro filho na conjugalidade. Segundo o método utilizado neste estudo (Bardin, 2016), os eixos temáticos orientam a entrevista semiestruturada, sem necessariamente induzirem a uma categoria de análise. Tais categorias de análise, no entanto, são inferidas a partir do discurso dos participantes,

utilizando-se critérios de representatividade, exaustividade e pertinência.

Procedimentos

O projeto desta pesquisa foi aprovado pela Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mediante o parecer 055/2021, seguindo as recomendações da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (*Resolução nº 510*, 2016), que dispõe sobre as normas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

Alguns participantes deste estudo foram indicados pela rede de relacionamento da pesquisadora; já outros foram recrutados a partir de uma chamada para participação da pesquisa divulgada on-line nas redes sociais da pesquisadora e do LEFaC – Laboratório de Estudos em Família e Casal da PUC-Rio, do qual a pesquisadora faz parte. Como critério para participação no estudo, o sujeito deveria ser pai primíparo, ter entre 24 e 45 anos de idade, coabitar com a mãe de seu(sua) filho(a), e os(as) filhos(as) terem entre seis meses e dois anos de idade.

As entrevistas foram realizadas exclusivamente pela pesquisadora e aconteceram virtualmente, por meio da plataforma virtual *Zoom*, em dia e hora determinados pelos entrevistados, e tiveram duração média de uma hora. Todas entrevistas foram gravadas e, posteriormente, integralmente transcritas para análise do conteúdo manifesto e latente. As gravações foram realizadas entre os dias 12 e 23 de abril de 2021, fase em que, no Brasil, o isolamento social ainda era indicado à população para contenção da contaminação pelo vírus SARS-COV-2.

Análise dos dados

As entrevistas foram integralmente transcritas e os dados obtidos submetidos ao método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2016), em sua vertente categorial. Esse tipo de análise permite o surgimento de categorias de análise e padrões de respostas a partir do material, sem que as conclusões estejam vinculadas a uma hipótese prévia, a partir de uma interpretação indutiva dos dados. O referencial teórico utilizado baseia-se em uma articulação das teorias sistêmica e psicanalítica de família e casal (Féres-Carneiro, 1996). Essa proposta integra a possibilidade de avaliação de padrões de comunicação e interacionais das teorias sistêmicas, sem abrir mão da análise e levantamento de hipóteses que considerem processos arcaicos inconscientes, creditados às escolas psicanalíticas de família e casal.

Das falas dos entrevistados emergiram as categorias (i) envolvimento paterno na pandemia de COVID-19, que foi desdobrada nas seguintes subcategorias: sentir-se pai durante o isolamento social da pandemia, e impactos percebidos pelo isolamento social; (ii) mudanças percebidas na intimidade conjugal; (iii) percepção dos pais sobre a avaliação materna, desdobrada nas subcategorias validação materna percebida pelos pais e “a palavra final é a dela”; e (iv) repercussões da pandemia na vida conjugal.

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, foram discutidos os resultados da categoria envolvimento paterno na pandemia da COVID-19, por estarem mais relacionados diretamente às vivências da paternidade durante a pandemia. As demais categorias foram discutidas em outros trabalhos a serem publicados.

Resultados e Discussão

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, será apresentada e discutida a categoria *envolvimento paterno na pandemia da COVID-19*, que foi desdobrada nas seguintes subcategorias: *sentir-se pai durante o isolamento social da pandemia*; e *impactos percebidos pelo isolamento social*.

Sentir-se pai durante o isolamento social da pandemia

Esta categoria refere-se às sensações despertadas nos pais quando descrevem a experiência da paternidade. Os relatos dos pais do estudo destacam o desafio em adequarem-se aos novos papéis e responsabilidade trazidos com o nascimento do filho, com impactos diretos em como percebem sua nova identidade.

É... eu me preparei para isso mas, mesmo assim, é um processo difícil; é um processo difícil porque lida com identidade, né? Acho que o primeiro grande desafio, acho que é toda a mudança... do *layout* físico às questões simbólicas, porque passa a ser um universo infantil, né? A casa, a convivência, né... tudo isso muda. (...) Hoje, o que eu sou hoje está guardado num quatinho para quando, sei lá, um dia quando ninguém tiver em casa ele possa ir lá naquele quatinho e voltar a ser o que eu era, né. Isso não se discute, isso não se fala, isso não é visto, e a partir do momento que o homem alguma vez se manifesta quanto a isso ele assume o protagonismo negativo, eu observo é isso. (P1)

Acho que é uma mudança muito mais complexa do que eu pensei, é uma doação muito maior do que eu pensei. (...) Então tem

sido uma experiência muito boa, eu acho que é uma experiência que completa a gente, né? (P2)

É um grande desafio porque o filho demanda muito e você não sabe o quanto ele vai demandar naquele momento, qual a extensão, qual a dedicação que ele vai precisar de você, qual a atenção que ele precisa de você. (...) e também a parte da gente perder os nossos *hobbies*, né? (P3)

A maioria dos pais do estudo descreveu suas experiências a partir de sensações consideradas por eles como positivas e, ao mesmo tempo, desafiadoras em termos de acomodação de seus novos papéis e responsabilidades. Isso pode sugerir que também a paternidade, tal qual a maternidade, seja uma experiência ambivalente como pode ser observado nos seguintes discursos: “É uma mistura de desafio, um cansaço com coisas boas, sabe?” (P4); “É muito intenso, mas é a coisa mais legal que me aconteceu” (P5); e “Está sendo ótimo. É difícil, dá... dá trabalho. (...) É o trabalho de 100% do tempo, né? É cansativo, mas é prazeroso ao mesmo tempo. Eu costumo brincar que é bom e é ruim” (P6).

Os relatos dos entrevistados corroboram os estudos sobre paternidade contemporânea que apontam para possibilidade de exercício da paternidade como uma escolha consciente (Silva-Gonçalves & Bottoli, 2016), mais ativa e participativa emocionalmente (Bossardi et al., 2013; Gomes & Resende, 2004). É importante ressaltar o caráter ambivalente através do qual a experiência paterna compartilhada pelos entrevistados se estrutura (Oliveira & Silva, 2011), de forma que ora os pais percebem a paternidade como positiva e capaz de proporcionar uma sensação de completude, ora a percebem como demandante e desafiadora. É possível pensar que o recurso de expressar sua nova vivência por meio de sentimentos ambíguos se dê pela complexidade afetiva desse peculiar momento de transição para a paternidade.

Carter e McGoldrick (1995) ressaltam que a fase do ciclo vital familiar vivenciada com maiores mudanças tanto na família nuclear quanto na extensa se dá com o nascimento do primeiro filho. Além disso, tal momento se deu no contexto dos primeiros meses da pandemia de COVID-19, fato que não pode ser desconsiderado na análise das vivências dos pais da pesquisa. Sendo assim, é possível pensar que a interseção de uma crise potencial natural do momento do ciclo de vida familiar com um evento de tamanho potencial traumático, como uma pandemia, tenha impactos significativos na experiência de tornar-se pai.

Especificamente para os pais, em uma fase em que o protagonismo ainda se direciona à díade mãe-bebê, conforme explicitou P1 em seu relato, esse momento se torna ainda mais desafiador e vivenciado como perda dos espaços simbólicos do novo pai (Gonçalves et al., 2013; Krob et al., 2009). A ambivalência do período, vivenciada a partir de sentimentos positivos, convivendo com sentimentos de perda de identidade, passa a ser a realidade percebida na transição para a paternidade.

Outro fator preponderantemente citado por pais, a exemplo do relato do P2, P3 e P6, é sobre o quanto as responsabilidades do tornar-se pai foram sentidas como ainda mais intensas do que poderiam imaginar. Tais relatos reforçam os estudos sobre as vivências de mudanças percebidas por pais após o nascimento de seus primeiros filhos (Jager & Botolli, 2011) e a construção do vínculo pais-bebês (Matos et al., 2017b). A transição para a paternidade é um período em que o psiquismo do pai precisa acomodar suas novas funções e responsabilidades. O aumento gradual do envolvimento paterno ao longo dos anos tem sido uma realidade nas novas configurações familiares. Contudo, apesar de um discurso de efetiva participação, o que muitas vezes ocorre é a presença de um pai com pouco espaço para ser o cuidador principal, sendo mais requisitado como rede de apoio à mãe (Silva & Piccinini, 2007; Soares & Colossi, 2016). Isso nem sempre dar-se-ia por falta de vontade de participação dos pais, mas também por uma dificuldade das mães em abrirem espaço para o real envolvimento paterno (Krob et al., 2009).

Impactos percebidos pelo isolamento social

Esta categoria se refere ao impacto percebido pelos pais do isolamento social determinado pelos governantes do país em decorrência da pandemia de COVID-19. Em momentos de crise, em uma sociedade ainda patriarcal, há uma tendência de aumentar a desigualdade de gênero. Isso se observa em estudos sobre a sobrecarga feminina ao longo da pandemia (Macêdo, 2020; Santos & Silva, 2021; Shafer et al., 2020). No entanto, quando consideramos exclusivamente o exercício da parentalidade, parece que o convívio forçado de pais nos lares possibilitou-lhes uma maior compreensão dos níveis de demandas domésticas e de cuidados com os filhos. A presença paterna nos lares parece ter proporcionado aos pais um aumento na sua disponibilidade, aumentando o seu nível de participação nos lares de famílias brasileiras de classe média. Compreendemos a disponibilidade o fator do envolvimento paterno que diz respeito ao pai estar acessível e disponível para que haja uma posterior interação com seus filhos.

Denomina-se interação o comportamento de cuidado direto exercido pelos pais em relação aos seus filhos, assim como qualquer atividade compartilhada por eles. De acordo com a concepção multidimensional de envolvimento paterno considerada neste artigo (Lamb, 1997; Pleck, 1997; Santis & Barham, 2017), a interação entre pais e filhos é um importante fator a ser considerado, englobando as atividades de cuidado direto com a prole, além das atividades compartilhadas, como as brincadeiras, por exemplo. Como pode ser observado a seguir, a maioria das falas dos pais da pesquisa corroborou os estudos sobre o

aumento do envolvimento paterno em relação aos cuidados diários com seus filhos, demonstrando prazer na realização dessas tarefas: “Então, eu acho que, assim, essa pandemia para a gente foi muito positiva na questão da gente poder estar com nosso filho com quase dois anos e a gente poder ter vivido toda a hora do lado dele praticamente, né?”(P2); “Então no início da pandemia, início do contato forçado foi muito bom (...), como se a gente tivesse tido uma licença paternidade e uma licença maternidade estendida” (P3); e “Piorou acho que de uma forma igual, acho que tanto para mim quanto para ela, porque a gente queria muito sair com nosso filhão, né?” (P8).

As manifestações de prazer na realização dessas tarefas também se evidenciam nos seguintes discursos:

Se não fosse pela pandemia eu não estaria com minha filha 24 horas por dia como eu estou. (...) às vezes eu falo comigo assim, é como se eu tivesse de licença paternidade há um ano e meio, quase. (...) em compensação também impediu várias experiências que a gente queria que ela tivesse na rua, entendeu? Indo para os lugares, assim, saindo na rua; e convivência principalmente com os nossos amigos, assim, porque o nosso ciclo de amizades hoje é todo virtual. (P6)

Então eu fiquei quase um ano trabalhando *home office* e foi justamente o ano que meu filho nasceu, então para mim foi bom porque eu fiquei mais com meu filho e a minha família, né? (...) Acho que foi boa, a pandemia. (P7)

As consequências da pandemia acabam afetando a gente porque a gente não tem muito tempo sozinho, né. A gente não tinha muito contato com amigos. (...) e com filho isso é muito difícil, né, com filho a gente não tem tempo para ficar vendo série, sabe? (P9)

A maioria dos pais (P1, P2, P3, P6, P7 e P9) do estudo consideraram que o isolamento social determinado nos primeiros meses da pandemia da COVID-19 foi exclusivamente positivo no que se refere ao exercício de sua paternidade, uma vez que focaram no aumento do tempo que passaram em casa, se tornando mais disponíveis para estar com seus filhos em seus primeiros anos de vida. A pandemia foi excepcionalmente negativa para P5, que é médico, ou seja, pertence a uma das profissões às quais não foi possível fazer o isolamento social requerido pelos órgãos de saúde e não teve seu tempo de interação com o filho aumentado. Já P4 e P8, apesar de também relatarem como positiva a possibilidade de estarem mais tempo com seus filhos, declararam percepção também negativa do período de isolamento social sobre sua paternidade, por sentirem falta da possibilidade de passear e viajar com seus filhos, o que suscita o impacto negativo na redução de suas redes de apoio.

Os resultados encontrados corroboram pesquisas realizadas em outros países sobre a percepção de que a presença forçada nos lares possibilitou um maior contato de pais com o grau de demanda dos afazeres domésticos e cuidados com os filhos (Aguiar et al., 2021; Carlson et al., 2020; Shafer et al., 2020). Importante frisar que não se trata de ignorar os impactos negativos da pandemia para as famílias ao redor de todo o mundo, muito menos de desconsiderar os efeitos nocivos da pandemia na saúde mental dos indivíduos; o que se pretendeu foi destacar o quanto a presença física dos pais em suas casas aumentou o contato deles com seus filhos, melhorando seu engajamento nas tarefas domésticas e de cuidados (Margaria, 2021; Silva et al., 2020; Vieira et al., 2020).

Assim, em que pesem todos os desafios vivenciados pelas famílias, que repentinamente tiveram que adaptar seus espaços privados para acomodar espaços de trabalho e cuidados dos filhos, sem qualquer rede de apoio, o isolamento social proporcionou aumento da disponibilidade paterna, levando a uma maior flexibilização de papéis de gênero (Silva et al., 2020; Vieira et al., 2020).

Considerações finais

A paternidade contemporânea é resultado do convívio de valores tradicionais com as mudanças históricas e sociais, especialmente aquelas relacionadas à ocupação feminina do mercado de trabalho remunerado. Aos pais foi permitida a possibilidade do exercício de um cuidado direto do lar e dos filhos, com a possibilidade de interações baseadas em afeto e respeito.

Assim, ainda que a flexibilização de papéis de gênero seja uma realidade, não é possível ainda falar em igualdade. A sociedade contemporânea, apesar de mais igualitária, ainda é permeada por valores tradicionais que responsabilizam prioritariamente as mães sobre os afazeres domésticos e de cuidado com os filhos. Apesar disso, é inegável o aumento do envolvimento paterno e a vivência de uma paternidade mais presente e afetiva, especialmente nas camadas médias da sociedade. Foi nesse panorama de convívio do tradicional com o contemporâneo, que ocorreu a maior crise sanitária do último século, a pandemia de COVID-19. Assim, de uma hora para a outra, famílias inteiras tiveram que se adaptar ao cenário de crise.

A transição para a parentalidade é um momento de especial readequação de papéis. Os estudos de família e casal por anos focaram exclusivamente na díade mãe-bebê, cabendo aos pais um olhar secundário. No entanto, as últimas décadas viram o interesse sobre o estudo da transição para a paternidade ganhar cada vez mais espaço. Dessa forma, este estudo buscou ampliar o olhar sobre o construto envolvimento paterno, uma vez que se trata de um estudo qualitativo. Durante a pandemia, a disponibilidade de pais nos lares possibilitou que, mesmo diante de uma crise, fosse possível a experiência positiva de maior participação paterna na primeira infância de pais cariocas e paulistas.

Pela natureza do estudo, não há como generalizar os resultados. Ademais, é possível supor que os entrevistados tenham algum viés de maior participação paterna e, justamente por isso, aceitaram responder à entrevista proposta. Outro ponto a se destacar é que todos os pais deste estudo constituem um grupo homogêneo, uma vez que se autodeclararam como pertencentes às camadas socioeconômicas médias, heterossexuais e brancos, devendo tais dados serem considerados. Por fim, cabe lembrar que não houve um padrão mundial para enfrentamento da pandemia, de forma que os estudos realizados com a população de cada país devem levar em conta suas idiossincrasias.

Assim, sugerimos que novos estudos com maior número de sujeitos de diferentes estados da federação sejam realizados em pesquisas futuras. Em contribuição com o campo de estudos qualitativos, sugere-se a realização de pesquisas sobre a paternidade sob a perspectiva materna, possibilitando uma compreensão mais abrangente e diversa do fenômeno.

Referências

- Aguiar, J., Matias, M., Braz, A. C., César, F., Coimbra, S., Gaspar, M. F., & Fontaine, A. M. (2021). Parental burnout and the COVID-19 pandemic: How Portuguese parents experienced lockdown measures. *Family Relations, 70*(10), 927-938. <https://doi.org/10.1111/fare.12558>
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist, 44*(4), 709-716. <https://psycnet.apa.org/buy/1989-25551-001>
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2ª ed.). LTC Editora.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Nova Fronteira.
- Backes, M. S., Becker, A. P. S., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2018). A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno. *Nova perspectiva sistêmica, 27*(61), 66-81. <https://doi.org/10.38034/nps.v27i61.417>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Batista, A., Antunes, B., Faveret, G., Peres, I., Marchesi, J., Cunha, J. P., & Bozza, F. (2020, 27 de maio). *Análise socioeconômica da taxa de letalidade da COVID-19 no Brasil* [Nota Técnica 11]. Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde. <https://ponte.org/wp-content/uploads/2020/05/NT11-An%C3%A1lise-descritiva-dos-casos-de-COVID-19.pdf>
- Belo, F. R. R., Guimarães, M. R., & Fidelis, K. A. B. (2015). Pode um pai ser cuidadoso? Crítica à teoria da paternidade em Winnicott. *Psicologia em Estudo, 20*(2), 153-164. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i2.24274>
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2017). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento, 29*(64), 31-39. <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19835>
- Bossardi, C. N., Gomes, L., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Psicologia Argumento, 31*(73), 237-246. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-746360>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment: Attachment and loss* (Vol. 1). Basic Books.
- Carlson, D. L., Petts, R., & Pepin, J. R. (2020). Changes in parents' domestic labor during the COVID-19 pandemic. *Sociological Inquiry, 92*(3), 1217-1244. <https://doi.org/10.1111/soin.12459>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed.). Artes Médicas.
- Dessen, M. A., & Oliveira, M. R. D. (2013). Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: Pai "real" e "ideal" na perspectiva materna. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 26*(1), 184-192. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000100020>
- Féres-Carneiro, T. (1996). Terapia familiar: Das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. *Psicologia: Ciência e Profissão, 16*(1), 38-42. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931996000100007>

- Gomes, A. J. D. S., & Resende, V. D. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*(2), 119-125. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200004>
- Gonçalves, T. R., Guimarães, L. E., Silva, M. D. R., Lopes, R. D. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Experiência da paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 26*(3), 599-608. <https://www.scielo.br/j/prc/a/ddsyK5CBPcQZ8SxtX3xTdSr/?format=pdf&lang=pt>
- Jager, M. E., & Bottoli, C. (2011). Paternidade: Vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: Teoria e Prática, 13*(1), 141-153. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193819303011.pdf>
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. D. R. (2009). A transição para a paternidade: Da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP, 20*(2), 269-291. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000200008>
- Lamb, M. E. (1997). The development of father–infant relationships. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 104–120). John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Levine, J. A. (1985). The role of the father in child development. In B. B. Lahey, & A. E. Kazdin (Eds), *Advances in clinical child psychology* (pp. 229-266). Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4613-9820-2_7
- Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977 (1977, 26 de dezembro). Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16515.htm
- Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: Tecendo sentidos. *Revista do NUFEN, 12*(2), 187-204. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012
- Margarita, A. (2021). Fathers, childcare and COVID-19. *Feminist Legal Studies, 29*(1), 133–144. <https://doi.org/10.1007/s10691-021-09454-6>
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2019). Ser pai na contemporaneidade: Demandas contraditórias. *Psicologia Revista, 28*(1), 151-173. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i1p151-173>
- Matos, M. G. D., Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2017a). Construindo o vínculo pai-bebê: A experiência dos pais. *Psico-USF, 22*(2), 261-271. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220206>
- Matos, M. G. D., Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2017b). Gestação paterna: Uma experiência subjetiva. *Barbarói, 49*(1), 147-165. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.8513>
- McBride, B., & Rane, T. (1997). Role identity, role investments, and paternal involvement: implications for parenting programs for men. *Early Childhood Research Quarterly, 12*(2), 173-197. [https://doi.org/10.1016/S0885-2006\(97\)90013-2](https://doi.org/10.1016/S0885-2006(97)90013-2)
- Minuchin, S. (1982). Reflections on boundaries. *American Journal of Orthopsychiatry, 52*(4), 655-663. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1982.tb01455.x>
- Navarro, P., Lívero, Í., & Chagas, M. (2021). Paternidade em tempos pandêmicos no discurso jornalístico. *Revista Heterotópica, 3*(1), 17-42. <https://doi.org/10.14393/HTP-v3n1-2021-58575>
- Negreiros, T. C. G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudo em Psicologia, 4*(1), 34-47. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004
- Oliveira, A. G., & Silva, R. R. (2011). Pai contemporâneo: Diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. *Psicologia Argumento, 29*(66), 353-360. <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20297>
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Harvard University Press.

- Petrini, G. (2016). A figura paterna: Dimensão dramática das relações entre pais e filhos. In L. Moreira, E. P. Rabinovich, & P. S. Zucoloto (Orgs.), *Paternidade na sociedade contemporânea: O envolvimento paterno e as mudanças na família* (Cap. 1, pp. 19-34). Juruá.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 66-103). John Wiley & Sons.
- Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. (2016, 07 de abril). Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais. Conselho Nacional de Saúde. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003). O papel de homens e mulheres na família: Podemos falar em reestruturação? *Psicologia Clínica*, 15(2), 93-107. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-453643>
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Zahar.
- Santis, L. D., & Barham, E. J. (2017). Envolvimento paterno: Construção de um modelo teórico baseado em uma revisão da literatura. *Trends in Psychology*, 25(3), 941-953. <https://doi.org/10.9788/TP2017.3-03Pt>
- Santos, D. A., & Silva, L. B. (2021). Relações entre trabalho e gênero na pandemia do COVID-19: O invisível salta aos olhos. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 32(1), 10-34. <https://doi.org/10.31423/oikos.v32i1.10526>
- Shafer, K., Scheibling, C., & Milkie, M. A. (2020). The division of domestic labor before and during the COVID-19 pandemic in Canada: Stagnation versus shifts in fathers' contributions. *Canadian Review of Sociology*, 57(4), 523-549. <https://doi.org/10.1111/cars.12315>
- Silva-Gonçalves, L., & Bottoli, C. (2016). Paternidade: A construção do desejo paterno. *Barbarói*, 48(2), 185-204. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i48.7566>
- Silva, I. M. D. R., Schmidt, B., Lordello, S. R., Noal, D. D. S., Crepaldi, M. A., & Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da COVID-19: Recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando Famílias*, 24(1), 12-28. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/40030>
- Silva, M. D. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. *Estudos de psicologia*, 24(4), 561-573. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Pr4ZP7DtFj7dvyQD8XmdpVr/?format=pdf&lang=pt>
- Soares, B., & Colossi, P. M. (2016). Transições no ciclo de vida familiar: A perspectiva paterna frente ao processo de transição para a parentalidade. *Barbarói*, 48(2), 253-276. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i48.6942>
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193818625013.pdf>
- Trage, F. T., & Donelli, T. M. S. (2020). Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea. *Barbarói*, 57(2), 141-164. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14263>
- Velho, G. (1987). *Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Zahar.
- Vieira, P. R., Garcia, L. P., & Maciel, E. L. N. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: O que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, e200033. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/CJVRspHg8yj8CBKz7RDWDgy/?format=pdf&lang=pt>

Winnicott, D. W. (2001). O primeiro ano de vida. Concepções modernas do desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 3-20). Martins Fontes.

Zornig, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010

Como Citar:

Halkjaer-Lassen, A. F. T., & Féres-Carneiro, T. (2023). Envolvimento paterno em famílias com crianças pequenas no isolamento social. *Revista Subjetividades*, 23(3), e13440. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i2.e13440>

Endereço para correspondência

Alessandra Furtado Teixeira Halkjaer-Lassen
E-mail: alessandralassen@gmail.com

Terezinha Féres-Carneiro
E-mail: teferca@puc-rio.br



Recebido: 23/12/2021

Revisado: 15/02/2023

Aceito: 14/03/2023

Publicado: 20/12/2023